

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 39 No. 1 Janeiro - Abril 2026

ARTIGO

TERREIRO DO BOGUM: ARQUEOLOGIA DA REPRESSÃO E DA RESISTÊNCIA EM DIÁLOGO COM O LEGADO RELIGIOSO DAS GUERREIRAS MINO

Rodrigo Nogueira Martins*

RESUMO

Este artigo investiga como os artefatos e os rituais do Terreiro do Bogum, em Salvador, Bahia, preservam a memória do antigo Reino do Dahomé por meio das Guerreiras Mino, refletindo os processos de resistência da tradição Jeje na diáspora africana. Com base nos aportes da Arqueologia da Repressão e da Resistência e da Arqueologia da Diáspora Africana, analisa-se a transformação simbólica de artefatos em objetos sagrados. A metodologia articula observação participante, entrevistas semiestruturadas e análise descritiva das materialidades sagradas. Os resultados indicam que a ressignificação dessas materialidades transcende o campo litúrgico, atuando como um mecanismo ativo de resistência cultural e afirmação identitária afrodescendente, além de contribuir para os debates sobre memória, espiritualidade e agência material nos estudos da diáspora africana.

Palavras-chave: Arqueologia da repressão e da resistência; Arqueologia da Diáspora Africana; arqueologia do feminino; Guerreiras Mino; Terreiro do Bogum.

* Doutorando em Ciência da Religião PPCIR/UFJF, Mestre em Arqueologia Museu Nacional PPGArq/UFRJ, Mestre em Ciência da Religião PPGCR/PUC-Minas.
E-mail: rodrygovirtual@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6068-5430>

TERREIRO DO BOGUM: ARCHAEOLOGY OF REPRESSION AND RESISTANCE IN DIALOGUE WITH THE RELIGIOUS LEGACY OF THE MINO WARRIORS IN BRAZIL

ABSTRACT

This article investigates how the artifacts and rituals of the Terreiro do Bogum, in Salvador, Bahia (Brazil), preserve the memory of the ancient Kingdom of Dahomey via the legacy of the Mino Warriors, reflecting the resistance processes of the Jeje tradition within the African diaspora. Drawing on the frameworks of the Archaeology of Repression and Resistance and the Archaeology of the African Diaspora, the study analyzes the symbolic transformation of artifacts into sacred objects. The methodology combines participant observation, semi-structured interviews, and descriptive analysis of sacred materialities. The results indicate that the resignification of these materialities transcends the liturgical domain, functioning as an active mechanism of cultural resistance and Afro-descendant identity affirmation, while also contributing to broader debates on memory, spirituality, and material agency in African diaspora studies.

Keywords: Archaeology of Repression and Resistance; Archaeology of the African Diaspora; Archaeology of the Feminine; Mino Warriors; Terreiro do Bogum.

TERREIRO DO BOGUM: ARQUEOLOGÍA DE LA REPRESIÓN Y LA RESISTENCIA EN DIÁLOGO CON EL LEGADO RELIGIOSO DE LAS GUERRERAS MINO EN BRASIL

RESUMEN

Este artículo analiza cómo los artefactos y los rituales del Terreiro do Bogum, en Salvador, Bahía (Brasil), preservan la memoria del antiguo Reino de Dahomey a través del legado de las guerreras Mino y reflexiona sobre los procesos de resistencia de la tradición Jeje en la diáspora africana. A partir de los aportes de la Arqueología de la Represión y la Resistencia y de la Arqueología de la Diáspora Africana, se analiza la transformación simbólica de los artefactos en objetos sagrados. La metodología utiliza la observación participante, entrevistas semiestructuradas y análisis descriptivo de las materialidades sagradas. Los resultados revelan que la resignificación de estas materialidades trasciende el ámbito litúrgico para actuar como un mecanismo activo de resistencia cultural y afirmación identitaria afrodescendiente, además de contribuir a los debates sobre memoria, espiritualidad y agencia material en los estudios de la diáspora africana.

Palabras clave: Arqueología de la Represión y la Resistencia; Arqueología de la Diáspora Africana; Arqueología de lo femenino; Guerreras Mino; Terreiro do Bogum.

INTRODUÇÃO

O Brasil, com seu percurso histórico marcado pela colonização, escravidão e por violências culturais, guarda em seu solo os vestígios de uma resistência que se desenrolou nas sombras, mantida viva por filhos e filhas da diáspora africana. Não se trata apenas de objetos enterrados ou monumentos esquecidos, e sim de ecos de resistência das vozes que desafiaram séculos de repressão.

Entre essas vozes de resistência, o Terreiro do Bogum¹ é um dos mais antigos e importantes espaços de preservação cultural e religiosa afro-brasileira em Salvador, Bahia. Fundado por africanos escravizados, principalmente de origem Jeje, Mina, Ewe e, em menor número, Nagô, esse terreiro tem preservado práticas culturais e religiosas ancestrais. Este artigo, além de apresentar uma análise das características desse terreiro tricentenário², propõe uma exploração arqueológica, que se aprofunda na repressão e revela as estratégias de resistência adotadas por essa comunidade afrodescendente.

Nesse contexto, a Arqueologia da Repressão e da Resistência tem se mostrado uma ferramenta indispensável para compreendermos as estratégias materiais e culturais utilizadas pelas populações afrodescendentes para preservarem suas tradições em meio ao ambiente hostil. Isso porque ela investiga como as populações subalternas, particularmente as comunidades afrodescendentes e indígenas, utilizaram estratégias materiais e culturais para resistirem à opressão. Diante das constantes ameaças à preservação dos terreiros, portanto, essa subárea da arqueologia pode desempenhar um papel essencial na valorização desses territórios sagrados, contribuindo para seu reconhecimento oficial como patrimônio cultural e religioso. Fica atestado, assim, o papel da Arqueologia da Repressão e da resistência como um intento para revelar narrativas que, por muito tempo, foram marginalizadas ou apagadas da História oficial.

Os estudos arqueológicos revelam como a resistência afrodescendente foi materializada nos objetos rituais, nos espaços de culto e nas práticas cotidianas que desafiaram as imposições coloniais e religiosas. Ferreira (2014), Ferreira e Symanski (2023) e Funari, Zarankin e Reis (2008), já destacavam a importância da materialidade ritual como instrumento de resistência e memória. Ampliando esse horizonte, Carvalho (2021), Carvalho e Bastos (2023) e Bastos (2022) apontam a relação entre objetos sagrados e territorialidade, evidenciando como os artefatos funcionam como marcadores de presença afrodescendente em contextos urbanos em disputa. Já Santos (2019) oferece uma contribuição fundamental ao pensarem a centralidade do corpo feminino e da oralidade como vetores de continuidade espiritual, elementos que transbordam os limites do visível e se ancoram na vivência cotidiana do terreiro.

No campo das epistemologias decoloniais, Moraes (2021) e Hartemann e Moraes (2018) defendem uma Arqueologia Sankofa³, em que memória, ancestralidade e espiritualidade

¹ Nome oficial: *Zoogodô Bogum Malê Rundô*.

² Segundo a história oral, atualmente o terreiro encontra-se com 305 anos de fundação e permanece no mesmo local, no alto da ladeira Manoel Bonfim, no bairro do Engenho Velho da Federação, na cidade de Salvador, Bahia.

³ A chamada Arqueologia Sankofa, embora não corresponda a uma escola formal, descreve abordagens arqueológicas que retornam intencionalmente às memórias ancestrais afro-diaspóricas como método crítico e pedagógico. Essa perspectiva encontra paralelos nas experiências analisadas por Irislane Pereira de Moraes et al. (2022), que enfatizam a centralidade do lugar de fala, da ancestralidade e das práticas de resistência quilombola na constituição de epistemologias arqueológicas próprias.

negra organizam o fazer arqueológico a partir das próprias comunidades. Nessa mesma direção, Rufino (2019) propõe a pedagogia das encruzilhadas como uma chave para compreender os terreiros como espaços formativos, em que se produzem subjetividades insurgentes. Já Morgan (2012), ao discutir a dimensão sensorial da experiência religiosa, propõe que o sagrado se encarna no corpo, no gesto e na percepção, tornando os objetos religiosos mais do que vestígios: verdadeiras presenças vivas. Completando essa perspectiva, Moura (1993) e Moore (2008) nos lembram que a religiosidade afrodescendente constitui, ela mesma, uma forma histórica de rebelião, conectando práticas espirituais à construção de uma civilização negra global.

Essa conversão de artefatos cotidianos em objetos sagrados, além de reafirmar a continuidade das práticas religiosas Jeje, evidencia a agência da materialidade na construção da identidade afrodescendente, pois, no Terreiro do Bogum, os objetos rituais funcionam como vetores de memória e resistência, estabelecendo conexões entre o presente e a ancestralidade. Esse movimento arqueológico, aliado às epistemologias negras, permite interpretar os artefatos e espaços rituais não apenas como vestígios, mas como testemunhos vivos da reexistência afro-brasileira.

A ressignificação das tradições africanas no contexto brasileiro está especialmente atrelada ao elemento feminino, presente na figura das mães de santo e na memória das Guerreiras Mino⁴ do Benim, que se destacam como figuras enigmáticas e poderosas no âmbito da resistência cultural. Suas histórias, transpostas do antigo Reino do Dahomé para o Novo Mundo, ressurgem⁵ nos rituais, nos cânticos e nas lideranças femininas dos terreiros de Candomblé. Assim, as práticas no Terreiro do Bogum reverberam a memória dessas mulheres destemidas, preservada pela força espiritual das sacerdotisas e pela materialidade de objetos sagrados que resistiram às intempéries do tempo e da repressão.

Nesse sentido, este estudo busca, por meio do resgate da história das Guerreiras Mino, iluminar a compreensão geral sobre os terreiros de Candomblé como espaços centrais de preservação cultural e resistência ao examinar como a liderança feminina no Terreiro do Bogum transcende as barreiras temporais, mantendo viva uma tradição ancestral que, embora combatida, nunca foi silenciada. Assim, por meio da lente da Arqueologia da Repressão e da Resistência, investiga-se como objetos, rituais e memórias matriarcais desempenham um papel vital na sobrevivência das identidades africanas no Brasil.

METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

A pesquisa foi conduzida com base em uma abordagem qualitativa e interdisciplinar, explorando a relação entre materialidade sagrada e resistência cultural no Terreiro do Bogum. Para isso, foram utilizados três principais métodos de investigação: observação participante, entrevistas semiestruturadas e análise descritiva dos objetos rituais.

A observação participante foi realizada ao longo de sete meses, entre 10 de janeiro de 2022 e 20 de agosto de 2022, abrangendo rituais, reuniões e interações cotidianas no Terreiro do Bogum. O objetivo foi documentar a dinâmica dos praticantes em relação aos objetos rituais, analisando a localização e função destes dentro do espaço sagrado. Os registros foram anotados manualmente em cadernos de campo (Martins, 2022)

⁴ Também conhecidas no continente africano como Guerreiras Ahosí ou Guerreiras Agojie. Mino, em tradução livre para o português quer dizer “nossas mães”.

⁵ O reconhecimento do legado das Mino no Brasil ganhou notoriedade com o enredo desenvolvido pela escola de samba Unidos do Viradouro, campeã do carnaval carioca em 2023, que aborda justamente as guerreiras e o Bogum.

contendo perguntas feitas sobre os rituais e as interações entre os praticantes e os artefatos sagrados. Além das anotações etnográficas, foram incorporadas fotografias de objetos rituais e desenhos rústicos de objetos, garantindo um registro visual da materialidade em contexto ritualístico.

Diferentemente das metodologias arqueológicas tradicionais, esta pesquisa desenvolveu uma visão interpretativa, focada na experiência religiosa (fenomenologia⁶) e no significado simbólico dos artefatos dentro da cosmologia Jeje⁷. Assim, em vez de pautar-se em um processo de catalogação sistemática, priorizou uma abordagem etnográfica e fenomenológica, buscando compreender como os praticantes percebem, ressignificam e interagem com a materialidade sagrada. A escolha dessa abordagem se deve ao fato de que, no contexto do Candomblé Jeje, a materialidade ritualística não deve ser compreendida apenas por meio de sua estrutura física, mas sim a partir das experiências e interações dos praticantes com esses objetos. Assim, a observação participante possibilitou uma leitura mais aprofundada do papel simbólico dos artefatos nesse contexto e sua ressignificação ao longo do tempo.

Já as entrevistas semiestruturadas desempenharam um papel fundamental na investigação, permitindo confrontar percepções individuais com observações diretas do cotidiano do terreiro feitas durante a observação participante. Elas foram registradas manualmente no caderno de campo, sem o uso de gravações, em respeito aos códigos éticos e solicitações feitas por alguns dos entrevistados. Esse método garantiu que os participantes se sentissem confortáveis ao compartilhar suas experiências, minimizando interferências externas no processo narrativo. Os relatos orais, assim, complementaram os registros etnográficos e forneceram indícios sobre mudanças rituais e disputas internas associadas à posse e circulação de determinados artefatos, ampliando a compreensão sobre a mobilidade e ressignificação dos objetos sagrados.

As entrevistas possibilitaram uma análise da percepção dos praticantes sobre os objetos rituais, elucidando sua sacralização e ressignificação dentro do contexto religioso afro-brasileiro. Entre os depoimentos coletados, destaca-se o relato da *vodunsi* Toquesi, iniciada para o Vodun Toqueno, que trouxe informações valiosas sobre a trajetória da Adaga Vodun, objeto central da análise realizada neste artigo. Seu testemunho revelou a memória coletiva do terreiro em torno desse objeto e elucidou aspectos das dinâmicas de pertencimento. O desaparecimento da adaga do terreiro, conforme relatado pela *vodunsi* Toquesi, ilustra tanto a mobilidade da materialidade sagrada como as tensões que permeiam as relações internas nos terreiros afro-brasileiros.

Além da documentação visual dos objetos sagrados, a pesquisa inclui a análise interpretativa de fotografias das indumentárias utilizadas nos rituais. Esses elementos, como os panos de cabeça, são mais do que simples acessórios, pois carregam significados simbólicos que remetem à ancestralidade e à hierarquia dentro do terreiro. A partir das

⁶ A fenomenologia, conforme proposta por Alfred Schütz (1967) e amplamente utilizada nos estudos das religiões afro-brasileiras, permite a compreensão da experiência subjetiva dos atores e sua relação com os objetos sagrados. Ao invés de apenas descrever materialmente os artefatos, busca-se interpretar como eles são vivenciados, ressignificados e incorporados às práticas rituais dentro do terreiro.

⁷ A coleta de dados não utilizou o modelo proposto por Ferreira e Symanski (2023), uma vez que esta pesquisa foi desenvolvida no campo das ciências da religião e não da arqueologia. Por essa razão, não foram adotados protocolos de catalogação material, mas sim um enfoque qualitativo centrado na experiência religiosa dos praticantes e na interpretação simbólica dos objetos.

imagens coletadas, foram identificadas variações nos padrões de uso e na escolha dos tecidos, evidenciando a ressignificação da vestimenta como marcador de identidade religiosa e resistência cultural.

A adoção de um método qualitativo – por meio da triangulação entre observação participante, entrevistas e análise dos objetos rituais – permite a captação de aspectos simbólicos, subjetivos e dinâmicos da relação entre materialidade e espiritualidade no Terreiro do Bogum.

Para consolidarmos nossa abordagem metodológica e demonstrarmos seu alinhamento a estudos anteriores, apresentaremos um quadro comparativo que relaciona as técnicas empregadas nesta pesquisa com aquelas utilizadas em investigações precedentes sobre a Arqueologia da Diáspora Africana e a materialidade sagrada.

Quadro 1. Metodologias de análise da materialidade em contextos afrodescendentes.

Técnica	Descrição	Autores de referência	Diferencial no estudo do Terreiro do Bogum
Observação participante	Inserção prolongada no Terreiro do Bogum para documentar interações entre praticantes e materialidades sagradas	Rufino (2019); Martins (2022, 2023).	Aplicação da fenomenologia para interpretar a experiência religiosa e a agência dos artefatos
Entrevistas semiestruturadas	Coleta de relatos de praticantes do terreiro sobre a ressignificação dos objetos rituais e disputas internas pela posse dos artefatos	Hartemann e Moraes (2018); Martins (2022, 2023).	Ênfase na relação afetiva e política dos fiéis com a materialidade ritual
Análise de materialidades sagradas	Estudo da transformação simbólica de artefatos comuns em objetos sagrados no contexto afro-brasileiro	Funari, Zarankin e Reis (2008); Ferreira (2014); Ferreira & Symanski (2023); Moraes (2021); Carvalho (2021); Carvalho e Bastos, (2023); Morgan (2012).	Comparação com práticas arqueológicas da diáspora africana, evidenciando a resiliência material e cultural
Documentação visual	Registro iconográfico de objetos rituais, vestimentas e espaços sagrados no Terreiro do Bogum.	Sousa (2019); Morgan (2012).	Integração de imagens contemporâneas e históricas para rastrear a permanência e adaptação de padrões visuais
Comparação com evidências arqueológicas e etnoarqueológicas	Correlação entre vestígios materiais encontrados em sítios afro-atlânticos e a materialidade dos terreiros	Funari, Zarankin e Reis (2008); Symanski (2008); Bastos (2022); Carvalho e Bastos (2023); Martins (2022, 2023).	Diálogo entre arqueologia de campo e fontes orais, reforçando a interdisciplinaridade da pesquisa

Fonte: Elaborado pelo autor (ANO).

Como evidenciado no Quadro 1, a metodologia adotada não apenas dialoga com abordagens consolidadas na Arqueologia da Repressão e da Resistência, mas também introduz um diferencial ao priorizar a análise fenomenológica da experiência religiosa.

Essa perspectiva amplia a compreensão da materialidade ritual enquanto vetor de identidade e resistência cultural.

Entretanto, a pesquisa enfrentou alguns desafios metodológicos significativos, como a impossibilidade de acesso a certos espaços internos do terreiro, o que limitou a observação direta de objetos rituais possivelmente significativos, tornando essencial a complementação dos dados por meio de entrevistas e relatos orais. Além disso, a ausência de registros escritos formais e a variação nas narrativas orais exigiram um processo minucioso de cruzamento de informações, realizado a partir da repetição de perguntas-chave a diferentes interlocutores com vistas à identificação de convergências e discrepâncias nos relatos.

Ao dialogar com uma abordagem interpretativa pautada na ciência da religião, a pesquisa reforça que os objetos do Candomblé não podem ser reduzidos a simples vestígios históricos, pois carregam significados espirituais que ultrapassam sua materialidade física. Esse entendimento amplia a discussão sobre a agência dos objetos sagrados, evidenciando seu papel ativo nas dinâmicas religiosas afrodescendentes. Dessa forma, a análise dos dados coletados não se restringiu à descrição dos objetos e práticas rituais, mas buscou compreender de que maneira a materialidade sagrada dialoga com processos de resistência e memória no contexto do Terreiro do Bogum, com o objetivo de evidenciar como os artefatos rituais refletem uma continuidade histórica e, além disso, são ressignificados em resposta a dinâmicas sociais internas e externas ao terreiro. Essa perspectiva reforça a interlocução entre os achados empíricos e as bases teóricas da Arqueologia da Repressão e da Resistência, ampliando a compreensão da materialidade religiosa enquanto vetor de identidade e contestação cultural.

ARQUEOLOGIA DA REPRESSÃO E RESISTÊNCIA NO BRASIL: UMA ABORDAGEM CONCEITUAL

A Arqueologia da Repressão e Resistência se desenvolveu como uma área crítica e interdisciplinar que estuda as dinâmicas de poder, controle social e resistência cultural, em especial nas sociedades que enfrentaram o colonialismo, a escravidão e o racismo estrutural. No Brasil, o impacto do sistema escravista e das políticas de controle social implementadas pelo Estado colonial e, posteriormente, pelo Império e pela República gerou um campo fértil para o estudo das formas de resistência de populações marginalizadas, notadamente das comunidades afrodescendentes e indígenas. Assim, esse campo de pesquisa tem se voltado para a análise de vestígios materiais e culturais que revelam as formas como essas sociedades resistiram às tentativas de apagamento cultural e à opressão religiosa, constituindo evidências de como preservaram suas tradições, identidades e cosmovisões em meio à repressão (Funari, 1996; Ferreira; Symanski, 2023). Nesse sentido, traz implicações amplas para a compreensão da história afro-brasileira ao esclarecer os modos de resistência às narrativas dominantes que tentaram marginalizar essas tradições (Ferreira e Symanski, 2023).

No caso do Terreiro do Bogum, a arqueologia possibilita a compreensão de como os espaços físicos, a materialidade dos objetos sagrados e a história oral se entrelaçam para garantir a continuidade da cultura Jeje-Mina no Brasil. Isso permite uma análise detalhada das formas de resistência que ali se manifestaram, seja por meio da recriação de objetos sagrados, da ressignificação de espaços religiosos ou da adaptação de rituais e práticas culturais (Funari, 1996; Ferreira; Symanski, 2023).

Durante o período colonial, as políticas de repressão religiosa e cultural no Brasil foram estratégias para o controle social das populações africanas escravizadas. O país, sendo um dos maiores receptores de africanos escravizados durante o tráfico transatlântico,

foi palco da emergência de diversas formas de resistência cultural, especialmente por meio das práticas religiosas africanas, como o Candomblé, que representavam uma ameaça para a ordem estabelecida pela Igreja Católica e pela Coroa Portuguesa. As práticas religiosas africanas eram percebidas, naquele contexto, como heréticas e perigosas, pois mantinham elementos de resistência cultural que desafiavam diretamente a imposição do catolicismo. Por essa razão, as autoridades coloniais buscaram controlar e reprimir essas práticas, muitas vezes de forma violenta (Ferretti, 1996; Funari; Zarankin; Reis, 2008).

O Brasil imperial manteve essas políticas de repressão. Os terreiros de Candomblé, como o Terreiro do Bogum, tornaram-se alvos frequentes de invasões policiais e campanhas religiosas que visavam destruir altares, confiscar objetos sagrados e prender líderes religiosos. A destruição deliberada de objetos sagrados, que incluíam instrumentos musicais, ferramentas rituais e estátuas de orixás e voduns, foi um dos principais métodos de repressão cultural e religiosa nesse período, com a intenção de desarticular a estrutura simbólica que sustentava essas comunidades (Symanski e Ferreira, 2023), ao enfraquecer a conexão entre os afrodescendentes e suas tradições (Funari; Zarankin; Reis, 2008).

A Arqueologia da Repressão, ao investigar os vestígios dessas destruições e os esforços para recriar esses objetos, fornece *insights* sobre como as comunidades afrodescendentes resistiram e se reorganizaram após esses atos de violência cultural (Symanski e Ferreira, 2023). Muitos rituais foram realizados em segredo, enquanto os objetos sagrados foram escondidos ou adaptados para disfarçar sua importância espiritual.

O sincretismo religioso, que uniu elementos das tradições africanas com os santos do catolicismo, foi uma das estratégias mais eficazes de resistência, permitindo a continuidade dos cultos sob o disfarce de práticas católicas (Prandi, 2001). Importa enfatizar, entretanto, a observação de Ferreira e Symanski (2023) sobre a crítica elaborada pela pesquisadora Áurea Tavares quanto à noção de sincretismo, pois

Ela [...] critica noções simplistas de sincretismo, segundo as quais o Candomblé e o catolicismo se fundiram em um sistema doutrinário. Tavares argumenta que comunidades africanas e afrodescendentes mantiveram práticas religiosas paralelas (Ferreira; Symanski, 2023, p. 15, tradução nossa)⁸.

A adaptação das práticas espirituais na comunidade do Bogum foi, assim, essencial para garantir a sobrevivência de suas tradições religiosas. Muitos voduns foram sincretizados com santos católicos, permitindo que os rituais africanos continuassem sob a aparência de devoção católica. Por exemplo, o Vodum Gbessen foi associado a São Bartolomeu, enquanto Hevioso foi sincretizado com São Jerônimo e Gú, por sua vez, com São Sebastião (Martins, 2022).

A MATERIALIDADE SAGRADA COMO RESISTÊNCIA CULTURAL NO TERREIRO DO BOGUM

A história da diáspora africana em Salvador é marcada por um intenso processo de deslocamento forçado, iniciado com o tráfico transatlântico, que trouxe milhões de

⁸ Do original: “She [...] criticizes simplistic notions of syncretism, according to which Candomblé and Catholicism merged into a doctrinal system. Tavares argues that African and Afro-descendant communities maintained parallel religious practices”.

africanos escravizados para o Brasil entre os séculos XVI e XIX. De acordo com Ferreira e Symanski (2023, p. 3, tradução nossa),

os aprisionamentos étnicos realizados pelo tráfico variaram regionalmente e ao longo do tempo. No final do século XVII, foi estabelecida uma rota entre a região produtora de açúcar e fumo na província da Bahia [...] e a Costa dos Escravos (Golfo do Benim), tornando a África Ocidental um local de expropriação de homens e mulheres africanos, situação que perdurou pelo menos até 1850⁹.

Assim, esses africanos escravizados, provenientes principalmente da África Ocidental, incluindo regiões como o atual Benim, Nigéria, Gana e Angola, trouxeram consigo suas culturas, línguas e práticas religiosas, que se tornaram as bases das religiões afro-brasileiras, como o Candomblé (Araujo, 2015; Ferreira; Symanski, 2023; Ferretti, 1996). Ainda segundo Ferreira e Symanski (2023, p. 3, tradução nossa),

Esses padrões demográficos mostram que homens e mulheres africanos eram menos heterogêneos culturalmente do que se presumia até algumas décadas atrás. O conhecimento sobre suas regiões de origem é fundamental para entender as particularidades de suas cosmologias e o processo diaspórico que ocorreu em diferentes regiões do território brasileiro. É, portanto, essencial para uma compreensão arqueológica dos níveis e escalas da diáspora africana¹⁰.

É nesse sentido que Salvador, um dos principais portos de entrada de pessoas escravizadas no Brasil, tornou-se um centro de concentração de africanos de diferentes etnias e nações. Entre esses grupos, destacam-se os Jeje e Nagô, que tiveram uma presença significativa na formação dos terreiros de Candomblé, como o Terreiro do Bogum (Ferretti, 1996), considerado uma casa tradicional da nação Jeje.

A formação dos terreiros em Salvador foi uma resposta à repressão religiosa e cultural, garantindo a manutenção das práticas rituais desses grupos no Brasil. A Arqueologia da Diáspora Africana permite compreender como esses espaços sagrados preservam e transformam materialidades rituais ao longo do tempo, estabelecendo conexões entre os vestígios arqueológicos e as práticas religiosas contemporâneas. Essa abordagem amplia a análise sobre a permanência da tradição Jeje e sua ressignificação diante das adversidades históricas.

A análise da materialidade, neste estudo, adota uma abordagem interdisciplinar, integrando métodos da arqueologia, antropologia, etnoarqueologia, história, filosofia,

⁹ Do original: “[...] the ethnic imprisonments carried out by trafficking varied regionally and over time. At the end of the seventeenth century, a route was established between the sugar and tobacco-producing region in the province of Bahia [...] and the Slave Coast (Bight of Benin), making West Africa a place of expropriation of African men and women, a situation that lasted at least until 1850”.

¹⁰ Do original: “These demographic patterns show that African men and women were less culturally heterogenous than presumed until a few decades ago. Knowledge about their regions of origin is fundamental to understanding the particularities of their cosmologies and the diasporic process that took place in different regions of the Brazilian territory. It is thus essential for an archaeological understanding of levels and scales of the African diaspora”.

ciência da religião e preservação e patrimônio. A investigação baseia-se, assim, em três eixos principais de análise:

1. A funcionalidade ritualística dos objetos no Terreiro do Bogum;
2. A resignificação de artefatos dentro das práticas religiosas do Candomblé;
3. A comparação com outros contextos, tendo em vista as semelhanças formais e materiais com objetos documentados em sítios arqueológicos da diáspora africana.

A partir dessa abordagem interdisciplinar, foi possível compreender os objetos sagrados do Terreiro do Bogum para além de seu aspecto material, como expressões de uma rede complexa de significados históricos, religiosos e políticos que sustentam a resistência cultural afro-brasileira.

O Terreiro do Bogum é um dos poucos terreiros da nação Jeje no Brasil que manteve, ao longo dos séculos, suas tradições religiosas africanas de forma quase inalterada, incluindo o culto aos voduns, divindades originárias do Reino do Dahomé, atual Benim. Entre essas divindades, destacam-se Gbessen, Vodun da riqueza e do arco-íris, Hevioso, Vodun da justiça, dos raios e do trovão, e Gú, Vodun do ferro e chefe dos guerreiros e guerreiras. Esses cultos estão profundamente enraizados na cosmovisão africana, que associa as divindades aos elementos naturais e às forças espirituais que governam o mundo.

A resistência cultural no Terreiro do Bogum é evidenciada tanto na preservação dos cultos aos seus deuses como na continuidade das práticas linguísticas, musicais e coreográficas de origem africana. Por exemplo, a língua Fon, falada pelos Jeje, continua a ser utilizada em cantos e rezas no terreiro, enquanto os ritmos e danças tradicionais africanos são reproduzidos nos rituais religiosos.

Tendo em vista que a Arqueologia da Resistência foca a preservação e adaptação das tradições culturais em resposta à opressão, nota-se que, no caso do Terreiro do Bogum, o espaço físico, sua organização arquitetônica e os objetos rituais são componentes-chave dessa resistência, que envolve continuidade das tradições africanas e sua adaptação ao contexto brasileiro. Exemplo disso é a disposição do terreiro, com altares dedicados aos voduns e áreas reservadas para os rituais de sacrifício, que reflete a organização espacial dos cultos tradicionais africanos. Esses espaços, além de servirem como locais de culto, funcionam como verdadeiros “arquivos”, nos quais a memória coletiva das comunidades afrodescendentes é preservada e transmitida.

A materialidade, portanto, desempenha um papel central na preservação da identidade cultural das comunidades afrodescendentes no Brasil, como na recriação de objetos sagrados como tambores, espadas, utensílios cerimoniais e vestes sagradas após sua destruição pelas autoridades (Ferreira, 2014; Funari; Zarankin; Reis, 2008). Conforme apontam Ferreira e Symanski (2023), “a Arqueologia da Diáspora Africana é uma arqueologia da criatividade, pois, por meio da reciclagem, o uso criativo da materialidade era comum às culturas afro-diaspóricas brasileiras”¹¹ (Ferreira; Symanski, 2023, p. 12-13, tradução nossa).

No contexto da repressão, esses objetos rituais, muitas vezes reelaborados, foram frequentemente escondidos ou disfarçados para escapar da destruição promovida pelas autoridades coloniais. Por isso, a sacralização de objetos aparentemente comuns, como ferramentas de trabalho ou utensílios domésticos, foi uma das estratégias mais

¹¹ Do original: “[...] the archaeology of the African diaspora is an archaeology of creativity on the grounds that, through recycling, the creative use of materiality was common to Brazilian Afro-diasporic cultures”.

engenhosas de resistência material. Esses artefatos, apesar de sua aparência comum, assumiam uma dimensão sagrada dentro do contexto ritual, funcionando como canais de comunicação com o mundo espiritual (Ferreira, 2014).

Objetos rituais e a ressignificação da materialidade

O Terreiro do Bogum preserva diversos objetos que exemplificam a ressignificação de um item do cotidiano para uso litúrgico. A relação entre os objetos rituais e os praticantes do Candomblé é dinâmica, carregada de significado e história. Muitos desses artefatos atravessam gerações, mantendo seu valor sagrado, mas também sendo alvo de disputas, perdas e ressignificações. Um exemplo emblemático é um antigo abridor de cartas, utilizado como ferramenta de mão (arma de guerra) pelo Vodun Toqueno. Feita de metal dourado, possivelmente latão ou bronze, a peça apresenta ornamentos em estilo árabe, sugerindo uma conexão histórica com os Malês, grupo islâmico africano presente à época na Bahia (Martins, 2023).

A trajetória da adaga do Vodun Toqueno foi narrada em depoimento por uma antiga *vodunsi* do Bogum que foi iniciada para essa divindade, a sr.a Toquesi. Em entrevista semiestruturada,¹² quando a sr.a Toquesi foi indagada se em todos esses anos ela tinha visto, no Bogum, algum objeto que achasse bonito, diferente, que fosse muito antigo ou curioso, ela respondeu:

Perai... [A entrevistada se ausenta e chama a filha e, depois de alguns minutos, retorna com uma foto]. Isso [mostrando a foto] é a arma do meu Vodun, Toqueno. Ele é da família de Dan, ele também é uma serpente. Desde que me iniciei, ele traz essa “faca” nas mãos. Foi uma *vodunsi* do Bogum que deu ao meu Vodum, mas eu era muito menina quando me iniciei e, até hoje, não sei quem deu (Vodunsi Toquesi, 75 anos, aposentada, 2022 – Engenho Velho da Federação – Salvador/BA).

Quando questionada se ainda estava de posse do objeto, ela relatou:

Essa “faca” ficava sobre o assentamento de Toqueno, mas me aborreci lá no Bogum com a atual mãe de santo, daí me afastei. Fui para o Rio de Janeiro, depois para Minas Gerais, viajei para muitos lugares para cuidar das pessoas, sabe? Quando voltei para casa, aqui onde estamos agora, fui buscar as coisas do meu Vodum, porque eu nunca me mudei, apenas viajava, ia e voltava. Mas quando esse vai e vem diminuiu e fui buscar as coisas dele, essa “faca” já não estava mais onde deveria estar (Vodunsi Toquesi, 75 anos, aposentada, 2022 – Engenho Velho da Federação – Salvador/BA).

¹² Entrevista realizada em 29 de março de 2022 na residência da sr.a Marlene Francisca de Andrade (Vodunsi Toquesi – alcinha religiosa). A entrevista foi autorizada e assinada por sua responsável legal, sr.a Cátia Cilene A. C. Fradique (filha), devido à baixa visão da entrevistada, que a impedia de assinar. A entrevista foi conduzida conforme os protocolos do Comitê de Ética em Pesquisa, conforme registro no CEP sob número CAAE: 55505822.2000.5137.

Quando perguntada sobre o atual paradeiro do assentamento de seu Vodum, ela respondeu: “Está no terreiro de um filho de santo meu, mas não vou dizer qual” (Vodunsi Toquesi, 75 anos, aposentada, 2022 – Engenho Velho da Federação – Salvador/BA).

O relato da sr.a Toquesi ilustra como a materialidade sagrada pode ser tanto um elemento de continuidade quanto um ponto de ruptura nas dinâmicas internas dos terreiros. A ausência da “faca” no assentamento do Vodun Toqueno evidencia não apenas a ressignificação dos objetos rituais ao longo do tempo, mas também as tensões que permeiam as relações comunitárias nos espaços religiosos afro-brasileiros. Além disso, demonstra como a agência dos objetos extrapola o campo litúrgico, tornando-se elementos centrais nas disputas de poder, pertencimento e ancestralidade no Candomblé.

Essas disputas em torno da posse e circulação de objetos sagrados corroboram as análises de Morgan (2005) e Meyer (2012) sobre a ressignificação da materialidade religiosa nos contextos de diáspora, como veremos a seguir na figura 1. No caso do Terreiro do Bogum, a agência dos artefatos se manifesta não apenas na dimensão litúrgica, mas também como um campo de negociação simbólica e política dentro da comunidade. Esse achado reforça a premissa da Arqueologia da Repressão e da Resistência de que a materialidade afrodescendente não pode ser dissociada das dinâmicas de poder e pertencimento, sendo continuamente reinterpretada para garantir a continuidade da tradição diante de desafios internos e externos.

Figura 1. “Abridor de cartas” árabe do terreiro do Bogum.



Fonte: Caderno de campo de Rodrigo Nogueira Martins (2022).

O processo de transformação do abridor de cartas árabe em um objeto ritualístico no Terreiro do Bogum exemplifica diferentes dimensões da materialidade sagrada no Candomblé. Esse processo ilustra o primeiro eixo de análise proposto neste artigo, a funcionalidade ritualística, pois a adaga, ao ser inserida nos rituais do terreiro, passa a desempenhar um papel ativo nas cerimônias, considerando que durante os ritos o objeto é utilizado em danças e gestos simbólicos.

Tendo em vista sua função ritualística e sua ressignificação dentro do culto, a Adaga Vodum pode ser interpretada à luz do conceito de *The Sacred Gaze*, de David Morgan (2005), enquanto contribuição da ciência da religião para a análise da relação entre o sagrado e a materialidade. Esse conceito propõe que o “Olhar Sagrado” é determinante na sacralização da materialidade, pois, segundo Morgan (2005), a forma como uma comunidade percebe visualmente um objeto não apenas o reconhece como sagrado, mas também define sua função e importância dentro do culto. Essa sacralização do ver, ao longo do tempo, constrói uma relação entre o objeto e os praticantes, reforçando sua centralidade na prática ritualística e na identidade religiosa da comunidade. No Terreiro do Bogum, a percepção dos praticantes desempenha um papel central na sacralização dos objetos, transformando-os em extensões da força espiritual dos voduns. Assim, a adaga do Vodun Toqueno não se limita a um artefato físico, mas torna-se um elo material entre os praticantes e a ancestralidade guerreira das tradições Jeje.

Complementarmente, Moraes (2021) propõe uma “Arqueologia Sankofa”, que parte da escuta atenta aos ancestrais, da força da oralidade e da vivência espiritual como caminhos legítimos de produção de conhecimento. Junto a Hartemann, ela defende que essa perspectiva decolonial permite às comunidades negras reconquistarem o direito de contar suas próprias histórias a partir de seus próprios territórios (Hartemann; Moraes, 2018). No mesmo sentido, Rufino (2019) apresenta a pedagogia das encruzilhadas como um modo de ensinar e aprender que nasce dos terreiros, onde vidas, memórias e saberes insurgem a partir da experiência cotidiana. No Terreiro do Bogum, essas ideias ganham corpo: ali, os objetos não são apenas símbolos, mas guardam presenças, afetos e energias. Como aponta Morgan (2012), o sagrado se manifesta no toque, no olhar, no sentir – é algo vivido e encarnado, que se faz presente no corpo e na matéria, e que é capaz de transformar o lugar em um espaço sagrado.

Nesse sentido, a ressignificação da Adaga Vodun como arma ritual remete a uma herança ancestral das Guerreiras Mino do antigo Reino do Dahomé. Essas guerreiras tinham uma visão militarizada da materialidade, transformando qualquer objeto cortante em arma de guerra (Alexandre, 2023; Alpern, 1998). Conforme Alexandre (2023), a organização militar dessas guerreiras era dividida em unidades especializadas, como as Gulohento, que manejavam espadas curtas e dominavam o combate físico direto; as Nyekplohento, especialmente habilidosas em confrontos com lâminas maiores, sendo apelidadas de “ceifadoras”; as Gohento, arqueiras responsáveis por ataques a distância; e as Agbalya, que formavam a artilharia do exército do Dahomé.

No contexto do Terreiro do Bogum, esse fenômeno de ressignificação pode ser compreendido por meio do conceito de ancestralidade ativa, desenvolvido por Mbiti (1990). Segundo o autor, na tradição africana, os ancestrais não são apenas lembrados, mas continuam a influenciar a vida dos descendentes por meio de símbolos, ritos e práticas culturais. Essa influência transcende o tempo, permitindo que certas percepções e padrões simbólicos sejam mantidos e ressignificados ao longo das gerações.

Complementarmente, o conceito de herança mítica proposto por Mircea Eliade (1992) fornece outro nível de compreensão desse processo. Para Eliade, a herança mítica refere-se à transmissão contínua de mitos fundadores e modelos exemplares que estruturam a percepção do mundo e guiam o comportamento coletivo e individual. Nesse sentido, a transformação simbólica da adaga em arma ritual no Terreiro do Bogum pode ser interpretada como manifestação dessa herança mítica, na qual o mito das Guerreiras Mino é atualizado e recriado constantemente. Assim, a materialidade do abridor de cartas não só resgata memórias ancestrais, mas também reencena continuamente o mito guerreiro, proporcionando aos fiéis uma conexão viva com suas raízes históricas.

Dessa forma, a permanência dessa visão ancestral e mítica no Terreiro do Bogum não é aleatória: a associação intuitiva de um abridor de cartas com uma arma ritual reflete a continuidade simbólica das Guerreiras Mino, cujos artefatos cortantes eram extensões de seu poder e identidade. Esse processo exemplifica como a ancestralidade ativa e a herança mítica se manifestam na materialidade do Candomblé, em que objetos cotidianos são apropriados e transformados em elementos de resistência e afirmação cultural afro-brasileira.

Além da funcionalidade ritualística, essa adaptação também se encaixa no segundo eixo de análise aqui proposto, referente à ressignificação de artefatos, pois evidencia a maneira como objetos utilitários ou cotidianos foram transformados em símbolos rituais dentro do Candomblé e de outras comunidades afrodescendentes. No Terreiro do Bogum, a transformação de um abridor de cartas árabe em uma arma ritual é um exemplo disso, pois originalmente o objeto tinha função decorativa e utilitária, mas foi ressignificado dentro da liturgia Jeje como um instrumento de poder espiritual e sua posse foi atribuída a uma divindade ancestral.

Segundo Martins (2022) os objetos ritualísticos no Bogum passam por um processo de transformação que inclui etapas rituais específicas. Primeiramente, são purificados por meio de uma mistura de água com ervas sagradas quinadas (esfregadas em uma rocha utilizada exclusivamente para esse fim); em seguida, são consagrados em um rito conduzido por sacerdotisas do terreiro, no qual cânticos e invocações são entoados para dotá-los de energia espiritual para, em uma última etapa, receberem o sacrifício animal específico. Posteriormente (em geral, após alguns dias), ocorre a limpeza no mesmo preparado de ervas, e, então, os objetos são depositados no Peji, espaço sagrado do terreiro, uma espécie de altar. A partir desse ponto, os objetos podem ser oficialmente incorporados aos rituais ou utilizados pelas divindades.

Essa ressignificação dos objetos sagrados também se evidencia em estudos como os de Carvalho (2021; Carvalho; Bastos, 2023), que analisa os terreiros como espaços de memória e resistência urbana diante do apagamento social e patrimonial. Ao discutirem o caso do Quilombo Saracura, Carvalho e Bastos (2023) apontam como os artefatos religiosos afrodescendentes se tornam marcadores de pertencimento e de resistência identitária. Nessa perspectiva, Bastos; Guimarães (2019) ainda destaca a importância da territorialidade dos terreiros no direito à cidade, propondo que esses espaços sagrados são igualmente arenas de disputa simbólica e jurídica, como de fato ocorre no Terreiro do Bogum.

Com o tempo, os artefatos passam a exibir marcas de uso cerimonial, incluindo leves desgastes referentes ao manuseio, o que lhes confere uma nova identidade dentro da cosmologia do terreiro. O Quadro 2 ilustra como diferentes artefatos foram transformados em elementos sagrados, revelando estratégias de resistência cultural ao longo da diáspora africana.

Quadro 2. Resignificação de objetos cotidianos no contexto ritualístico afrodiaspórico.

Objeto	Origem	Material	Uso original	Resignificação ritualística afro-diaspórica
Adaga Vodum	Terreiro do Bogum	Metal	Abridor de cartas	Arma ritual do Vodun Toqueno
Ferramenta agrícola	Quilombos do Brasil	Ferro	Agricultura	Instrumento ritualístico

continua...

Quadro 2. Continuação

Objeto	Origem	Material	Uso original	Ressignificação ritualística afro-diaspórica
Estatueta de ferro	Sítios do Caribe	Metal	Adorno decorativo	Objeto de culto Vodú
Moeda colonial	Arqueologia afro-americana	Metal	Transação econômica	Amuleto de proteção espiritual
Fragmento de cerâmica	Sítios arqueológicos no Brasil e nos Estados Unidos	Barro cozido	Utensílio doméstico	Recipiente para oferendas religiosas

Fonte: Elaborado pelo autor (ANO).

É importante enfatizar que a resignificação material não é exclusiva do Terreiro do Bogum, mas um padrão encontrado em diversos contextos arqueológicos afrodiaspóricos, alinhando-se ao terceiro eixo de análise, relativo à comparação com outros contextos. Essa prática também pode ser observada em quilombos brasileiros, onde ferramentas agrícolas foram reutilizadas em contextos cerimoniais (Souza, 2007), o que é corroborado por pesquisas etnoarqueológicas realizadas no Quilombo Mandira, no estado de São Paulo (Almeida, 2011).

No mesmo sentido, no Caribe, onde objetos de ferro foram consagrados para rituais Vodú (Ogundiran; Saunders, 2014), estudos sobre a arqueologia do Vodú e da Santeria também apontam práticas similares de adaptação de objetos cotidianos para uso espiritual (Ogundiran; Saunders, 2014). Já nos Estados Unidos, estudos sobre Arqueologia da Diáspora Africana revelam como artefatos do cotidiano foram incorporados a práticas espirituais afro-americanas, demonstrando que a materialidade da resistência é um fenômeno transnacional. A comparação entre esses contextos reforça a importância da materialidade como uma estratégia global de resistência cultural afrodescendente e manutenção das tradições espirituais africanas.

Retornando ao Terreiro do Bogum, além da presença dos objetos sacralizados, a disposição dos altares e as áreas reservadas para os rituais são exemplos da materialidade da resistência (Martins, 2022). Essas estruturas físicas têm uma conexão direta com as tradições africanas do Reino do Dahomé, de onde vieram muitos dos praticantes originais do Terreiro do Bogum. Mesmo diante da repressão, a organização espacial do terreiro foi mantida como uma forma de preservar as práticas culturais e religiosas africanas, garantindo que as gerações futuras tivessem acesso a esses conhecimentos (Ferretti, 1996).

A Arqueologia da Repressão e da Resistência também investiga as formas sutis e cotidianas de resistência que emergiram nas comunidades afrodescendentes ao longo da história do Brasil. A preservação da memória coletiva é uma dessas facetas, especialmente nas religiões de matriz africana, nas quais a transmissão oral desempenha um papel central na manutenção das tradições culturais. É importante ressaltar que a investigação arqueológica das culturas afro-diaspóricas se fundamenta tanto em elementos materiais como em imateriais, porque, conforme explicitado por Ferreira e Symansky (2023, p. 14, tradução nossa),

Como em muitas outras sociedades, as comunidades africanas e afro-diaspóricas frequentemente se veem como parte da natureza; pedras, animais, rios e objetos têm seus próprios espíritos. Para essas ontologias,

não há transubstanciação, ou outro mundo que divida radicalmente humanos e não humanos. A realidade é composta de sujeitos, todos simultaneamente abstratos e concretos. [...] Os objetos têm agência e podem se tornar a fundação de lugares ancestrais. Nas religiosidades africanas, não há, portanto, dicotomia entre o material e o imaterial¹³.

No Terreiro do Bogum, a preservação da memória coletiva por meio da oralidade é fundamental para a manutenção das tradições religiosas e culturais africanas. A transmissão de histórias, mitos, cânticos e conhecimentos ritualísticos de geração em geração garantem que o legado africano continue vivo nas práticas do Candomblé (Ferreti, 1996), em um contexto em que as tradições escritas eram inicialmente inexistentes. Esse tipo de resistência cotidiana foi uma das mais eficazes estratégias contra a tirania institucionalizada ao longo da história brasileira, assegurando que, mesmo com a destruição de objetos sagrados ou invasões ao terreiro, o conhecimento espiritual e cultural continuasse a ser passado para as gerações futuras (Ferretti, 1996).

A ressignificação dos objetos rituais no Terreiro do Bogum evidencia como a materialidade sagrada transcende sua função litúrgica, tornando-se um vetor de identidade cultural e resistência. No entanto, não são apenas os artefatos físicos que desempenham esse papel, já que elementos visuais e simbólicos das vestimentas rituais também assumem uma função central na preservação da ancestralidade e na reafirmação da espiritualidade Jeje. Isso porque, assim como os objetos rituais, as vestimentas carregam memórias e significados que reforçam a continuidade das tradições africanas na diáspora.

Vestimentas rituais e identidade cultural

O Terreiro do Bogum tem uma forte tradição de liderança feminina, com as mães de santo ocupando os cargos mais elevados dentro da hierarquia religiosa. Essa organização matriarcal, diretamente associada às tradições africanas, em que as mulheres desempenhavam papéis de destaque na organização social e religiosa (Parés, 2018; Verger, 1997), simboliza uma resposta ativa às estruturas patriarcais impostas ao longo da história brasileira, como poderemos observar na figura 2, reforçando a centralidade da mulher na preservação e transmissão do legado afro-brasileiro (Parés, 2018; Prandi, 2001). As sacerdotisas foram as responsáveis não só pela condução dos rituais, mas também pela preservação dos objetos e tradições, criando um espaço de autoridade espiritual para as mulheres afrodescendentes (Funari; Zarankin; Reis, 2008).

Essa centralidade feminina nos terreiros encontra respaldo nos estudos de Santos (2019), que também reconhece nas mulheres negras as principais guardiãs da oralidade e das práticas rituais afro-brasileiras, atuando como pilares de transmissão espiritual. Nessa direção, Nascimento (2006) propõe a leitura dos terreiros como estruturas equivalentes aos quilombos, ou seja, espaços ontológicos de preservação ancestral e resistência à colonialidade.

¹³ Do original: "As in many other societies, African and Afro-diasporic communities often see themselves as part of nature; stones, animals, rivers, and objects have their own spirits (Ogundiran and Saunders, 2014). For these ontologies, there is no transubstantiation, or otherworld radically dividing of humans and non-humans (Thompson 1983). Reality is made up of subjects all simultaneously abstract and concrete. [...] Objects have agency (Roberts 2000) and can become the foundation of ancestral places (Parés, 2016, 59). In African religiosities, there is thus no dichotomy between the material and the immaterial".

Figura 2. Indumentárias das Guerreiras Mino no antigo Dahomé.

Registro histórico das Guerreiras Mino, grupo militar feminino do Reino do Dahomé. Observa-se o uso de tiras de pano na cintura, além da amarração característica do pano de cabeça, elementos que marcam a estética visual desse grupo. Essas características foram ressignificadas em práticas culturais afrodescendentes no Brasil, como evidenciado nas vestimentas rituais do Terreiro do Bogum.

Fonte: Enciclopédia Brasileira Mérito (1970).

No caso do Terreiro do Bogum, com mais de três séculos de existência, não se trata de uma inscrição tardia na história da diáspora, mas da própria origem de uma tradição de protagonismo espiritual e político das mulheres negras, como poderemos conferir na figura 3. As mães de santo do Bogum e seus corpos femininos são, de fato, referência inaugural desse legado, cuja continuidade reforça a centralidade do feminino na resistência afro-brasileira. Este artigo propõe, portanto, destacar o Terreiro do Bogum não como um desdobramento dessa tradição, mas como seu precursor. A presença feminina nos milhares de terreiros espalhados pelo Brasil reflete influências históricas oriundas das mulheres do Bogum, cuja liderança e transmissão espiritual moldaram as bases da religiosidade afro-brasileira.

O uso das vestes sugere uma conexão direta entre as Guerreiras Mino e as mulheres do Bogum, pois uma semelhança notável pode ser percebida entre suas indumentárias. A amarração das saias e dos panos de cabeça no Terreiro do Bogum reflete heranças visuais das Guerreiras Mino, cuja indumentária distintiva pode ser vista em registros históricos do Reino do Dahomé (Enciclopédia Brasileira Mérito, 1970).

Elas são confeccionadas, em sua maioria, com tecidos naturais, como algodão e linho, escolhidos por sua durabilidade e adequação aos rituais. Bordados manuais, miçangas e símbolos geométricos são aplicados às peças para honrar divindades femininas, incorporando elementos estéticos e espirituais preservados na diáspora africana. Com o tempo, os trajes podem apresentar desgastes naturais e marcas rituais, como manchas de pós litúrgicos, reforçando seu papel como testemunhos materiais da prática religiosa, como iniciações, transes e resquícios de oferendas. Segundo Martins (2022), o processo de sacralização de vestimentas envolve alguns ritos:

- costura ritualística realizada no próprio terreiro (em alguns casos, sem nenhum tipo de objeto metálico);
- defumação com resinas e raízes religiosas; e
- banho com quinado de ervas sagradas (assim como é feito com os objetos), como visível na figura 4.

Figura 3. Indumentárias antigas das mulheres do Bogum (foto histórica).



Fotografia antiga retratando quatro mulheres do Terreiro do Bogum vestindo trajes cerimoniais tradicionais. A imagem revela que as tiras de pano, que nas Guerreiras Mino eram amarradas na cintura, aparecem aqui posicionadas nos ombros, mantendo um vínculo estético e simbólico com a tradição do Reino do Dahomé. A amarração do pano de cabeça também se mantém como um elemento visual característico. Essas similaridades evidenciam a continuidade cultural entre a tradição africana e a cultura afro-brasileira, mesmo em um contexto de repressão. Contudo, ao longo das décadas, parte dessas referências visuais passou por transformações estilísticas. Fonte: Duarte (2018).

Nesse sentido, os trajes cerimoniais do Terreiro do Bogum, além de representarem os próprios voduns cultuados (Martins, 2022), tornam-se elementos fundamentais na construção da identidade religiosa dos fiéis, reafirmando sua presença e papel dentro da comunidade. Sob a perspectiva do *The Sacred Gaze* (Morgan, 2005), o modo como os fiéis percebem os trajes e interagem com eles reforçam sua sacralidade e função simbólica na comunidade. Mais do que isso, as vestimentas rituais podem ser percebidas como a própria divindade em estado material, inerte, quando não há o iniciado para que aconteça o transe. Assim, sua existência física garante a presença contínua do sagrado no terreiro, funcionando como um veículo metafísico da conexão entre o mundo espiritual e os praticantes.

A partir da comparação estabelecida entre as indumentárias, nota-se que no Terreiro do Bogum a liderança feminina é um reflexo direto da herança africana trazida pelas comunidades Jeje, em que a influência das Mino é claramente visível. As mulheres do terreiro, assim como as Guerreiras Mino, são responsáveis pela proteção e manutenção do espaço sagrado e pela liderança em momentos de crise. Elas também desempenham um papel crucial na organização dos rituais e na transmissão dos conhecimentos religiosos e culturais para as novas gerações, assegurando a continuidade das tradições de resistência e preservação (Parés, 2018).

As Guerreiras Mino são um exemplo claro de como as mulheres africanas desempenharam papéis de liderança e resistência em contextos de opressão. Em sua origem, as Mino eram mais do que combatentes, pois representavam força, independência e o poder feminino, sendo parte de uma estrutura militar rigorosa e respeitada. Essas características foram transmitidas às comunidades afrodescendentes no Brasil, especialmente por meio da organização dos terreiros de Candomblé, onde as mulheres lideram práticas religiosas e preservam as tradições culturais de seus antepassados. A organização hierárquica dos terreiros, com a figura da mãe de santo no centro, seria,

portanto, uma reinterpretação das estruturas de poder que existiam no Reino do Dahomé, onde as Mino ocupavam posições de liderança tanto militar quanto política (Alpern, 1998; Ferreira, 2014).

Figura 4. Indumentárias contemporâneas das mulheres do Bogum.



Fotografia contemporânea de mulheres do Terreiro do Bogum trajando vestimentas cerimoniais atuais. Apesar das mudanças ao longo do tempo, as tiras de pano ainda permanecem posicionadas nos ombros em vez de na cintura, e a amarração do pano de cabeça continua semelhante à das Guerreiras Mino e da imagem histórica do terreiro. Esse fenômeno evidencia a permanência de certos elementos visuais como símbolos de identidade e resistência cultural afro-brasileira. Mais do que uma simples continuidade estética, demonstra uma ação metafísica¹⁴, inconsciente, de manutenção da ancestralidade das Guerreiras Mino, refletindo a profundidade das conexões históricas e simbólicas presentes no Terreiro do Bogum. Ao mesmo tempo, essa permanência permite a adaptação e reinvenção estética dentro da tradição religiosa, equilibrando preservação e renovação cultural.

Fonte: Zoogodô Bogum Malê Rundó em imagens (2014).

A Arqueologia da Repressão e Resistência, enquanto campo de estudo, oferece uma importante perspectiva para se compreender como as Guerreiras Mino são lembradas e veneradas nas comunidades afrodescendentes. No Terreiro do Bogum, as divindades femininas associadas à resistência, como Avejidá¹⁵ e Avesan, são vistas

¹⁴ “Ação metafísica” refere-se a processos que transcendem a experiência sensorial e a realidade física, situando-se além do mundo material. No contexto das tradições afro-diaspóricas, essa noção está relacionada à ancestralidade viva, na qual elementos culturais são preservados e ressignificados ao longo do tempo, mesmo sem uma intenção consciente. Segundo Mbiti (1990), a ancestralidade não se limita a uma memória do passado, mas constitui uma presença ativa que orienta práticas e valores dentro das comunidades africanas e afrodescendentes. Assim, a permanência de elementos como as tiras de pano e a amarração do pano de cabeça no Terreiro do Bogum pode ser vista como uma expressão dessa continuidade ancestral, em que a identidade visual se mantém como um elo entre diferentes tempos e espaços da diáspora africana.

¹⁵ Avejidá é uma divindade do panteão Jeje relacionada especialmente às forças naturais e aquáticas, com atributos que remetem à fertilidade, cura e purificação espiritual. Divindades semelhantes, como Avesan, são abordadas por Barros (1993), que ressalta a importância das águas e da vegetação como fundamentos rituais e mitológicos dos voduns do Candomblé Jeje, destacando

como representantes das Guerreiras Mino, conectando o passado da África Ocidental à luta contínua das mulheres afrodescendentes no Brasil pela preservação de suas tradições e seus direitos.

Além disso, o culto às divindades guerreiras, particularmente Sakpatá e Hevioso, também está diretamente associado à memória das Guerreiras Mino. Sakpatá, o Vodun da terra e das doenças, é frequentemente invocado em rituais de cura e proteção, refletindo o papel das Mino como protetoras do reino. Hevioso, por sua vez, é o vodum do trovão e da guerra, associado ao poder destrutivo das forças naturais e à capacidade de lutar contra os inimigos do povo Jeje. Essas divindades representam a força e a resiliência da comunidade, e seu culto é uma forma de invocar a proteção das guerreiras no contexto da resistência contra a opressão (Ferretti, 1996; Parés, 2018).

Percebe-se, portanto, como a materialidade desempenha um papel crucial na preservação da memória das Guerreiras Mino nas religiões afro-brasileiras. No Terreiro do Bogum, a presença de objetos rituais associados a elas, como espadas e armas simbólicas, reflete sua memória de combate e resistência. Esses objetos são utilizados em rituais que visam invocar a força das divindades e canalizar a energia guerreira para a proteção da comunidade e a cura espiritual.

A influência das Mino no Candomblé, portanto, pode ser percebida em várias dimensões e reinterpretações: nos mitos, nas divindades veneradas, na organização matriarcal dos terreiros e na resistência cultural contra a repressão histórica. Nesse sentido, da mesma maneira que elas resistiram aos invasores europeus no Reino do Dahomé, as comunidades de Candomblé resistiram à repressão no Brasil, preservando suas práticas e crenças (Funari, 1996; Ferreira; Symanski, 2023). Assim, a força simbólica das Mino como figuras de resistência nunca foi perdida, sendo rearticulada a partir das divindades e dos rituais do Candomblé (Parés, 2018; Rodrigues; Maia, 2023).

CONCLUSÃO

O estudo do Terreiro do Bogum a partir da Arqueologia da Repressão e da Resistência permite a compreensão da materialidade sagrada como um mecanismo de preservação identitária e, ademais, amplia o debate sobre a importância da proteção dos espaços religiosos afro-brasileiros. A pesquisa revela que a transformação simbólica de objetos e vestimentas rituais não é um processo estático, mas sim dinâmico, refletindo as adaptações necessárias para a sobrevivência cultural da tradição Jeje. Assim, a Arqueologia da Diáspora Africana e a Ciência da Religião têm muito a contribuir para a valorização e preservação do patrimônio cultural afro-brasileiro, reafirmando o papel dos terreiros como espaços centrais de resistência e continuidade das tradições africanas no Brasil.

Ademais, este estudo destaca o papel das sacerdotisas como guardiãs da memória e da espiritualidade Jeje, conectando passado e presente por meio de práticas que evocam as Guerreiras Mino. A materialidade sagrada dos terreiros, portanto, deve ser compreendida não apenas como um legado histórico, mas como uma estrutura ativa de resistência e afirmação identitária. As Mino, com sua bravura e liderança militar no Reino do Dahomé, tornaram-se símbolos poderosos de resistência e força feminina, cujas memórias e valores foram preservados e reinterpretados nos terreiros de Candomblé. No Brasil, a figura da mulher nas lideranças religiosas, especialmente no Terreiro do Bogum, onde as mães

sua ligação direta com processos de renovação espiritual e material (Barros, 1993).

de santo desempenham papéis centrais na preservação das tradições ancestrais, reflete essa continuidade de resiliência e liderança.

As contribuições deste estudo para a arqueologia consistem, primeiramente, na ênfase conferida à Arqueologia da Diáspora Africana ao demonstrar como a ressignificação de objetos em contextos religiosos afro-brasileiros está inserida em um fenômeno transnacional de resistência material. O estudo amplia as possibilidades metodológicas para a análise de artefatos sacros, propondo uma abordagem comparativa entre evidências arqueológicas, etnoarqueológicas e fontes etnográficas contemporâneas.

Além disso, o artigo contribui para a Arqueologia da Repressão e da Resistência ao evidenciar como as práticas religiosas afrodescendentes foram sistematicamente perseguidas, mas sobreviveram por meio de adaptações materiais e rituais. Assim, a materialidade sagrada dos terreiros atua como um meio de transmissão histórica, estabelecendo conexões entre práticas ancestrais africanas e suas recriações no Brasil.

A valorização do Terreiro do Bogum e de outros espaços sagrados como centros de preservação cultural reflete um compromisso crescente da sociedade brasileira em reconhecer e proteger a memória e a herança dessas comunidades, que enfrentaram séculos de repressão, mas conseguiram manter viva sua identidade ancestral. O estudo das Guerreiras Mino, do Terreiro do Bogum e da liderança feminina no Candomblé, além de iluminar o passado de resistência, também atua como um lembrete da importância contínua de celebrar essas tradições e preservá-las para as futuras gerações.

Entretanto, ao apresentar o Terreiro do Bogum como um dos espaços pioneiros espaço de resistência e protagonismo feminino, é imprescindível que dialoguemos com os aportes teóricos das intelectuais negras brasileiras: Sueli Carneiro (2005) denuncia os mecanismos institucionais e simbólicos de apagamento das religiões afro-brasileiras, enquanto Gonzalez (2018) propõe a categoria de amefricanidade para nomear a intersecção entre corpo, território e identidade negra.

Pensar o Terreiro do Bogum como um território de resistência é também reencontrar sua força ancestral com as vozes que, há décadas, vêm dizendo que a espiritualidade negra é mais do que culto: é caminho, é forma de existir, é gesto político. Em cada canto, cada erva, cada passo no chão batido do terreiro está a memória de lutas que não começaram ontem – e que não se separaram da fé. Por isso, é fundamental escutarmos as contribuições de pensadores que compreenderam essa religiosidade como parte inseparável dessas estratégias históricas de reexistência do povo negro.

Clóvis Moura (1993) nos lembra que a rebelião negra no Brasil não foi apenas feita de armas e fugas, mas também de tambores, cantos e rezas. A religiosidade afrodescendente foi, e continua sendo, a forma mais potente de manter viva a dignidade do povo africano. No Terreiro do Bogum, essa memória insurgente pulsa em cada objeto sagrado e em cada ritual, como testemunho da capacidade de reinventar a vida diante da dor. Carlos Moore (2008), ao olhar para além das fronteiras do Brasil, nos convida a enxergarmos essa força como parte de um projeto maior: o de uma civilização negra global. Para ele, cada terreiro é uma constelação de saberes ancestrais que conectam África, Caribe e América Latina em uma resistência comum – e o Bogum é um dos astros mais antigos dessa constelação.

Este estudo oferece à arqueologia uma chave sensível: a de olhar para os terreiros não apenas como vestígios do passado, mas como casas vivas, feitas de axé, de memória e de luta. No solo do Bogum estão guardadas histórias que não se escrevem apenas em pedra, mas em corpo, canto e silêncio. A materialidade aqui não é ruína, é presença – uma presença que fala, que guia, que exige cuidado. Uma presença que dança. O sagrado, neste contexto, não se coleta: se escuta, se respeita. Ao acolher as epistemologias negras – em especial as feministas – e os modos de saber que brotam do terreiro, a arqueologia

não apenas amplia seus métodos, mas honra a dignidade de quem transformou dor em permanência e fé em resistência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEXANDRE, Paulo. As guerreiras Ahosi do Reino de Daomé. *HistóriaBlog*, 7 set. 2023. Disponível em: <https://historiablog.org/2023/09/07/as-guerreiras-ahosi-do-reino-de-daome/>. Acesso em: 7 mar. 2025.
- ALMEIDA, Fábio Guaraldo. *Etnoarqueologia no Quilombo Mandira*. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, Suplemento 11, p. 171-176, 2011
- ALPERN, Stanley B. *Amazons of Black Sparta: the women warriors of Dahomey*. New York: New York University Press, 1998.
- ARAUJO, Ana Lucia. *African Heritage and Memories of Slavery in Brazil and the South Atlantic World*. Amherst, NY: Cambria Press, 2015..
- BARROS, José Flávio Pessoa de. *O segredo das folhas: sistema de classificação de vegetais no Candomblé Jêje-Nagô do Brasil*. Rio de Janeiro: Palas, 1993.
- BASTOS, Rossano Lopes. *Direito à cidade, territorialidades afro-brasileiras e conflitos fundiários*. In: NASCIMENTO, Érica S. de; GONÇALVES, Luiz Cláudio (org.). *Territórios e territorialidades negras no Brasil: práticas e conflitos*. Salvador: EDUFBA, 2022.
- BASTOS, Rossano Lopes; GUIMARÃES, Carlos Magno (orgs.). *Arqueologia da Diáspora Africana: perspectivas comparadas*. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2018.
- CARNEIRO, Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. São Paulo: EdUSP, 2005.
- CARVALHO, Patrícia. Terreiro como lugar de memória: arqueologia e religiosidade afro-brasileira em Alagoas. *Revista de Arqueologia Pública*, v. 15, n. 1, p. 89-108, 2021.
- CARVALHO, Patrícia; BASTOS, Rossano Lopes. Arqueologia do apagamento e territórios negros: o caso do Quilombo Saracura/SP. *Revista de Arqueologia Pública*, v. 17, n. 2, p. 1-23, 2023.
- DUARTE, Everaldo Conceição. *Terreiro do Bogum: memórias de uma comunidade Jeje-Mahi na Bahia*. Bahia: Solisluna, 2018.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Tradução de Rogério Fernandes. Edição revista. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- ENCICLOPÉDIA BRASILEIRA MÉRITO. São Paulo: Mérito, 1970.
- FERREIRA, Lúcio Menezes. *Repressão e resistência: arqueologia das populações afrodescendentes*. São Paulo: Contexto, 2014.
- FERREIRA, Lucio Menezes; SYMANSKI, Luis. Transformation and Resistance: African Diaspora Archaeology in Brazil. *Journal of African Diaspora Archaeology and Heritage*, v. 12, n. 2-3, 2023.
- FERRETTI, Sergio Figueiredo. *Querebentã de Zomadonu: etnografia da Casa das Minas do Maranhão*. São Luís: EDUFMA, 1996.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu; ZARANKIN, Andrés; REIS, José Alberión dos (orgs.). *Arqueologia da repressão e da resistência: América Latina na era das ditaduras (décadas de 1960-1980)*. São Paulo: Fapesp: Annablume, 2008.

- BARRETO, Raquel. Introdução: Lélia Gonzalez, uma intérprete do Brasil. In: GONZALEZ, Lélia. *Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa*. São Paulo: Diáspora Africana, 2018.
- HARTEMANN, Gabby Omoni; MORAES, Irislane Pereira de. Contar histórias e caminhar com ancestrais: por perspectivas afrocentradas e decoloniais na arqueologia. *Vestígios – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, v. 12, n. 2, p. 9-34, 2018.
- MARTINS, Rodrigo Nogueira. *Islã e Candomblé: a religião material como legado malê no Terreiro do Bogum*, Salvador, Bahia. 2023. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião Aplicada à Cultura Material) – Pontifícia Universidade católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.
- MARTINS, Rodrigo Nogueira. Religião material e morte: A fotografia como materialidade do culto à ancestralidade no Terreiro do Bogum, Salvador, Bahia. *ABHR – Associação Brasileira de História das Religiões*, v. 18, 2022.
- MEYER, Birgit. *Mediation and the Genesis of Presence: Toward a Material Approach to Religion*. Texto da aula inaugural (inaugural lecture), 2012.
- MBITI, John S. *African religions and philosophy*. 2. ed. Johannesburg (África do Sul): Heinemann, 1990.
- MOORE, Carlos. *A África que incomoda*. Salvador: EDUFBA, 2010.
- MORAES, Irislane Pereira. *Arqueologia “na flor da terra” quilombola: Ancestralidade e movimentos Sankofa no território dos povos do Aproaga – Amazônia Paraense*. 2021. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.
- MORAES, Irislane Pereira de; COSTA, Luciana Alves; JESUS, Luciana Lopes de. *Arqueologia, lugar de fala e conexões afrodiáspóricas: experiências no território quilombola dos Povos do Aproaga – Amazônia Paraense*. Cadernos do LEPAARQ, Pelotas, v. XIX, n. 37, p. 55-74, jan./jun. 2022.
- MORGAN, David. *The sacred gaze: religious visual culture in theory and practice*. Berkeley: University of California Press, 2005.
- MORGAN, David. *The embodied eye: religious visual culture and the social life of feeling*. Berkeley: University of California Press, 2012.
- MOURA, Clóvis. *Rebeliões da senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas*. São Paulo: Anita Garibaldi, 1993.
- OGUNDIRAN, Akinwumi; SAUNDERS, Paula (ed.). *Materialities of ritual in the Black Atlantic*. Bloomington: Indiana University Press, 2014.
- PARÉS, Luís Nicolau. *A formação do Candomblé: história e ritual da Nação Jeje na Bahia*. Campinas: Editora Unicamp, 2018.
- PRANDI, Reginaldo. O Candomblé é o tempo: concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras. *RBCS*, v. 16, n. 47, 2001.
- RODRIGUES, Aldair; MAIA, Moacir (org.). *Sacerdotisas Voduns e Rainhas do Rosário: mulheres africanas e Inquisição em Minas Gerais (século XVIII)*. São Paulo: Chão Editora, 2023.
- RUFINO, Luiz. *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.
- SANTOS, Rosinalda Aparecida dos. Mulheres negras e saberes afro-brasileiros: religiosidade, tradição e resistência. *Cadernos Pagu*, n. 53, 2019.

- SOUZA, Marcos André Torres. Uma outra escravidão: a paisagem social no engenho de São Joaquim, Goiás. *Vestígios – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 59-92, jul./dez. 2007.
- SOUZA, Maria Sueli Rodrigues de; SANTOS, Joaquim José Ferreira dos. Territorialidade quilombola e trabalho: relação não dicotômica cultura e natureza. *Revista Katálisis*, v. 22, n. 1, p. 201-209, 2019.
- SCHÜTZ, Alfred. *The Phenomenology of the Social World*. Evanston: Northwestern University Press, 1967.
- VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás: Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo*. São Paulo: Corrupio, 1997.
- ZOOGODÔ Bogum Malê Rundó em imagens. Blog Terreiro do Bogum ou Zoogodô Bogum Malê Rundó, [s. l.], 9 out. 2014. Disponível em: <https://terreirodobogum.blogspot.com/2014/10/zoogodo-bogum-male-rundo-em-imagens.html>. Acesso em: 7 mar. 2025.